

# BC tenta chegar ao dia 27

Armando Mendes

Da equipe do **Correio**

*Nada vai acalmar de verdade os operadores do mercado até o segundo turno da eleição presidencial, no dia 27. Resta ao Banco Central tentar manter alguma ordem usando instrumentos da política monetária — juros e recolhimentos compulsórios — como fez ontem e na sexta-feira. E esperar que o presidente eleito dê, já na manhã do dia 28, mostras de que sabe o que fazer com a política econômica.*

*Integrantes do mercado, ouvidos ontem, não chegavam a um acordo sobre as iniciativas do BC para segurar a alta do dólar. Parte deles achava tímido o tranco nos juros, insuficiente diante da concentração de notícias que os investidores consideram inquietantes: além do vencimento de dívidas do governo nesta quinta-feira, a piora no ambiente internacional com o atentado na Indonésia e as pesquisas indicando Lula mais perto da vitória no dia 27,*

*Outros acreditam que o BC faz a coisa certa ao agir gra-*

*dualmente. "O difícil é calibrar medidas como essas, que podem ter efeito recessivo", adverte Paulo Leme, diretor de mercado emergentes da Goldman Sachs, de Nova York. "As medidas de sexta-feira já foram muito fortes".*

*É fundamental que a relação entre a dívida pública e o PIB caia, acrescenta Leme. Para isso, num cenário ruim, o futuro presidente poderá ter de conseguir um superávit primário (a diferença entre as receitas e os gastos do governo, excluído o custo dos juros da dívida) ainda maior do que os 3,75% do PIB acertados com o FMI e aceitos pelos dois candidatos.*

*Mas mudanças na política fiscal fazem efeito num prazo longo. Não se deve exigir medidas fiscais mais duras para uma situação que pode ser transitória, diz Paulo Leme. Se a causa maior do nervosismo for mesmo eleitoral e o novo presidente anunciar uma boa equipe e boas políticas econômicas, poderá ganhar a confiança do mercado e trazer a cotação do dólar para baixo.*

*Nesse caso, a relação entre a dívida e o PIB vai melhorar e as medidas destes últimos dias poderão ser revertidas sem prejuízos maiores. Até lá, o melhor é levar o barco devagar, como no samba.*